

FACULDADES INTEGRADAS PADRÃO - FIPGUANAMBI
CURSO DE GRADUAÇÃO MEDICINA

Larissa Cateriny Ramos Lopes
Lívia Matos de Menezes

**Fatores Associados Ao Uso De Medicamentos Psicotrópicos Por Pacientes
Da Atenção Primária E Secundária De Um Município Do Sudoeste Baiano**

Guanambi – BA

2023

**Larissa Cateriny Ramos Lopes
Lívia Matos de Menezes**

**Fatores associados ao uso de medicamentos psicotrópicos por pacientes da
atenção primária e secundária de um município do sudoeste baiano**

Trabalho de Conclusão de Curso II apresentado ao
Curso de Graduação em Medicina das Faculdades
Integradas Padrão, Campus - Guanambi/Bahia,
como requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Medicina.

Orientador (a): Prof. Me. Charles Neris Moreira
Coorientador: Prof. Me. André Fabrício Pereira Cruz

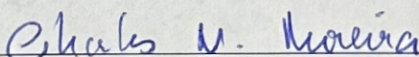
Guanambi
2023

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

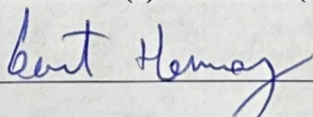
Às 18:50 horas do dia 28 do mês de Novembro do ano de dois mil e vinte e três, no Auditório das FIP Guanambi, compareceram para defesa do Trabalho de Conclusão de Curso, requisito para a conclusão do curso de Medicina, os/as estudantes: **Larissa Cateriny Ramos Lopes e Lívia Matos de Menezes** cuja pesquisa apresenta como título, “**Fatores Associados ao Uso de Medicamentos Psicotrópicos por Pacientes Idosos do Município de Guanambi-BA**”. Constituíram a Banca Examinadora: o/a orientador (a), Prof. Charles Neris Moreira e avaliadores, Prof. Curt Hemanny Menezes Santos e a Profa. Isnaya Teixeira Araújo. Após a apresentação e as observações dos membros da Banca Examinadora, ficou definido que o trabalho foi considerado **APROVADO** com conceito _____. Eu, Charles Neris Moreira, presidente da banca, lavrei a presente ata que segue assinada por mim e pelos demais membros.

Observações: _____

Assinatura da Banca Examinadora:



Professor (a) orientador (a)



Professor (a) examinador (a)

Documento assinado digitalmente



ISNAYA TEIXEIRA ARAUJO

Data: 24/02/2024 10:57:56-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professor (a) examinador (a)

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

L864f Lopes, Larissa Cateriny Ramos
Fatores associados ao uso de Medicamentos Psicotrópicos por
pacientes da Atenção Primária e Secundária de um município do
sudoeste baiano/ Larissa Cateriny Ramos Lopes; Lívia Matos de
Menezes - Guanambi, BA, 2023.
19 f.

Orientador: Charles Neris Moreira
Coorientador: André Fabrício Pereira Cruz

Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Medicina) —
Faculdades Integradas Padrão- FIPGuanambi/Afya, 2023.

1. Antidepressivos. 2. Psicotrópicos. 3. Saúde mental. I.
Menezes, Lívia Matos de. II. Moreira, Charles Neris, orient. III.
Cruz, André Fabrício Pereira, co-orient. IV. Título.

CDU
613.86(813.8)

RESUMO

Introdução: Os psicotrópicos são fármacos que agem no sistema nervoso central (SNC), atuando nos neurotransmissores, e podem levar a dependência. **Objetivo:** O presente estudo teve como objetivo analisar os fatores associados ao uso de medicamentos psicotrópicos em um município do semiárido baiano. **Metodologia:** Tratou-se de um estudo de caráter descritivo, com análise quantitativa e corte transversal em três Unidades Básicas de Saúde, na Policlínica Médica de Guanambi e no Núcleo de Atenção à Saúde e Práticas Profissionalizantes do município de Guanambi, Bahia. A análise estatística ocorreu pelo teste do Qui-quadrado, sendo considerado significativo $p \leq 0,05$. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da UNIFIPMOC. **Resultados e discussão:** Dentre os 121 participantes da pesquisa, a maior frequência era do sexo feminino (85,1%), com faixa etária entre 41 e 50 anos (28,9%), pardos (48,8%), casados (44,6%), residiam na zona urbana (79,3%), tinham o ensino fundamental incompleto (32,2%) e renda familiar entre 1 e 3 salários (56,2%). Sobre o consumo de psicotrópicos, a maior parte dos entrevistados consomem pelo menos um fármaco (64,5%), há mais de 2 anos (52,1%), cuja finalidade é reduzir a ansiedade (53,7%). Ressalta-se que a maioria sentiu melhora com o uso dos medicamentos psicotrópicos (90,1%), sendo o médico psiquiatra que prescreveu (54,5%). O medicamento mais utilizado foi o Escitalopram (16,5%), e o menos utilizado foi o citalopram (0,6%) e o bromazepam (0,6%). **Conclusão:** Destaca-se que a maioria dos participantes relatou alguma melhora ao uso dos psicotrópicos, além de confiar e aderir ao tratamento preconizado.

Palavras-chave: Antidepressivos; Psicotrópicos; Saúde mental.

ABSTRACT

Introduction. The psychotropic drugs are medications that act on the central nervous system (CNS), affecting neurotransmitters, and can lead to dependence. **Objective.** This study aimed to analyze the factors associated with the use of psychotropic drugs in a municipality in the semi-arid region of Bahia. **Methodology.** It was a descriptive study with quantitative analysis and a cross-sectional approach conducted at three Basic Health Units, the Medical Polyclinic of Guanambi, and the Health Care and Professional Practices Nucleus of the municipality of Guanambi, Bahia. Statistical analysis was performed using the Chi-square test, considering $p \leq 0.05$ as significant. The study was approved by the Ethics and Research Committee of UNIFIPMOC. **Results and Discussion.** Among the 121 participants in the survey, the highest frequency was observed among females (85.1%), aged between 41 and 50 years (28.9%), of mixed race (48.8%), married (44.6%), living in urban areas (79.3%), with incomplete primary education (32.2%), and a family income between 1 and 3 salaries (56.2%). Regarding the consumption of psychotropic drugs, the majority of the interviewees consumed at least one medication (64.5%) for over 2 years (52.1%), primarily aimed at reducing anxiety (53.7%). It is worth noting that most participants felt improvement with the use of psychotropic medications (90.1%), with prescriptions primarily from a psychiatrist (54.5%). The most commonly used medication was Escitalopram (16.5%), while the least used were citalopram (0.6%) and bromazepam (0.6%). **Conclusion.** It was concluded that the majority of participants reported some improvement with the use of psychotropic medications, in addition to trusting and adhering to the recommended treatment.

Keywords: Antidepressants; Psychotropic drugs; Mental health.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 METODOLOGIA	7
3 RESULTADOS	8
4 DISCUSSÃO	14
5 CONCLUSÃO	16
REFERÊNCIAS.....	17

1 INTRODUÇÃO

Os psicotrópicos são fármacos que agem no sistema nervoso central (SNC), atuando nos neurotransmissores, e podem levar a dependência. Tais substâncias quando utilizadas, realizam modificações no organismo que refletem no comportamento, pensamento, percepções e emoções (COSTA et al., 2023; OLIVEIRA et al., 2021). Existem diferentes classes de psicofármacos, sendo que os mais utilizados são os que atuam na depressão do SNC, na qual incluem os sedativos, tranquilizantes e hipnóticos (ARRAES et al., 2022).

A nível mundial, a utilização de psicofármacos tem sido elevada, estando o Brasil nesse mesmo cenário, sendo que essas substâncias passaram a constituir o grupo de fármacos que comumente são mais prescritos no mundo (RODRIGUES et al., 2020). Alguns estudos apontam uma prevalência da utilização dessas drogas com variância de 7,3% a 38,7%, onde a cada dez adultos um recebe a prescrição de benzodiazepínicos, em sua maioria prescrito pelo clínico geral (ALVES et al., 2020; RODRIGUES et al., 2020).

No Brasil, um estudo realizado com 32.348 participantes adultos e idosos, identificou diferenças do uso de psicotrópicos por região brasileira. As regiões que mais utilizam esses medicamentos são a região Nordeste e Sudeste, seguida pela região Sul e Centro-oeste, e a região que menos utiliza esses fármacos é a região Norte, sendo que é mais comum o uso na zona urbana (RODRIGUES et al., 2020).

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), em 2019, aproximadamente 1 milhão de pessoas sofreram com perturbações mentais, dentre as quais, o suicídio registrou 1 em cada 100 mortes, sendo 58% desses suicídios em pessoas com menos de 50 anos. Foi possível notar ainda que pessoas com problemas mentais graves vão a óbito entre 10 e 20 anos antes, quando comparada com a população em geral (WHO, 2022).

Salienta-se ainda, que ao longo da vida, os transtornos depressivos e de ansiedade são mais comuns no sexo feminino do que no masculino (WHO, 2022), onde as mulheres fazem maiores uso de ansiolíticos, especialmente os benzodiazepínicos, que possui efeito calmante, e assim, ficam mais equilibradas, promovendo redução de estresse e auxílio do sono (SANTANA et al., 2022).

Nesse contexto, é relevante ressaltar que os psicofármacos precisam ser utilizados de maneira racional e consciente, visto que são capazes de ocasionar diversos efeitos adversos e dependência, ainda podem promover efeitos alucinógenos e/ou sedativos, depressores ou

agravos a saúde do usuário, a depender do tempo de uso (KANTORSKI et al., 2022; MEDEIROS et al., 2023).

Assim, vários estudos têm indicado que o elevado consumo desses medicamentos por parte da população tem gerado um panorama de preocupação por parte dos profissionais e autoridades de saúde, uma vez que a prática racional destes e o acesso são condições indispensáveis a promoção da saúde (BERNIERI et al., 2023; QUEMEL et al., 2021).

Diante do exposto, o presente estudo tem como objetivo analisar os fatores associados ao uso de medicamentos psicotrópicos por usuários das Unidades Básicas de Saúde (UBS), POLIMEG (Policlínica Médica de Guanambi) e do NASPP (Núcleo de Atenção à Saúde e Práticas Profissionalizantes) em um município do semiárido baiano.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de caráter descritivo, com análises quantitativas e corte transversal de base populacional. A pesquisa foi realizada em 03 (três) Unidades Básicas de Saúde, escolhidas por conveniência, no NASPP (Núcleo de Atenção à Saúde e Práticas Profissionalizantes) e na POLIMEG (Policlínica Médica de Guanambi) do município de Guanambi, Bahia.

A amostra do estudo constituiu-se por 121 pessoas, de ambos os gêneros, escolhidas por conveniência. Foram incluídas nesta análise pessoas que aceitaram participar de forma voluntária mediante assinatura do TCLE (Termo de Consentimento Livre Esclarecido), com idade superior ou igual a 18 anos, que eram pacientes das instituições pesquisadas e consumiam fármacos psicotrópicos. Foram excluídos os que não aceitaram participar voluntariamente da pesquisa e assinar o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE).

O instrumento utilizado para coleta dos elementos necessários foi um questionário adaptado de Prado, Francisco e Barros (2017) e Almeida (2019), composto por perguntas diretas e objetivas, aplicado pelas pesquisadoras ou autoaplicáveis. Após coleta, os dados foram tabulados e analisados estatisticamente utilizando os programas Excel versão 2013 e em seguida importados ao Statistical Package for Social Sciences for Windows (SPSS) versão 24.0 para análise estatística mais completa. Para a comparação da frequência, foi utilizado o teste Qui-quadrado, com diferença significativa quando $p \leq 0,05$. O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da UNIFIPMOC, sob parecer e seguiu as exigências da Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde - CNS que preconiza o respeito pelos direitos dos participantes.

3 RESULTADOS

A análise dos dados básicos dos participantes evidenciou que 103 (85,1%) eram do sexo feminino, 35 participantes (28,9%) estavam compreendidos na faixa etária entre os 41 e 50 anos, 59 participantes (48,8%) consideravam-se pardos, 54 participantes (44,6%) eram casados e 96 (79,3%) eram residentes na zona urbana. Acerca do grau de escolaridade, 39 participantes (32,2%) declararam ter o ensino fundamental incompleto, 61 (50,4%) mencionaram ter trabalho formal e 68 participantes (56,2%) afirmaram possuir renda familiar entre 1 e 3 salários mínimos (Tabela 1).

Tabela 1 - Análise Descritiva da Amostra

		n	%	Sig
Gênero	<i>Masculino</i>	18	14,9	0,000*
	<i>Feminino</i>	103	85,1	
Faixa Etária	<i>18 a 29 anos</i>	24	19,8	0,142
	<i>30 a 40 anos</i>	21	17,4	
	<i>41 a 50 anos</i>	35	28,9	
	<i>51 a 60 anos</i>	23	19	
	<i>> 60 anos</i>	18	14,9	
Raça	<i>Branco (a)</i>	35	28,9	0,000*
	<i>Pardo (a)</i>	59	48,8	
	<i>Negro (a)</i>	21	17,4	
	<i>Amarelo (a)</i>	6	5	
Estado Civil	<i>Solteiro (a)</i>	46	38	0,000*
	<i>Casado (a)</i>	54	44,6	
	<i>Divorciado (a)</i>	13	10,7	
	<i>Viúvo (a)</i>	8	6,6	
Onde reside	<i>Cidade</i>	96	79,3	0,000*
	<i>Zona rural</i>	25	20,7	
Escolaridade	<i>Fundamental incompleto</i>	39	32,2	0,000*
	<i>Fundamental completo</i>	8	6,6	
	<i>Ensino médio incompleto</i>	7	5,8	
	<i>Ensino médio completo</i>	34	28,1	
	<i>Superior incompleto</i>	20	16,5	

	<i>Superior completo</i>	13	10,7	
Trabalho formal	<i>Sim</i>	61	50,4	0,928
	<i>Não</i>	60	49,6	
	<i>Menos de 1 salário mínimo</i>	34	28,1	
Renda Familiar	<i>Entre 1 e 3 salários mínimos</i>	68	56,2	0,000*
	<i>Acima de 3 salários-mínimos</i>	19	15,7	

N = número de entrevistados; % = percentual de entrevistados; Sig = índice de significância. Fonte: Autores (2023).

Os entrevistados foram questionados quanto aos comportamentos e indicadores de saúde e 67 (55,4%) entrevistados referiram bom estado de saúde, 92 entrevistados (76%) afirmaram estarem satisfeitos com a própria vida, 64 entrevistados (52,9%) negaram a presença de doenças diagnosticadas, 49 entrevistados (40,5%) alegaram tempo de sono diário entre 6 e 7 horas e 63 participantes (52,1%) declararam ter insônia (Tabela 2).

Tabela 2 – Comportamentos e indicadores relacionados à saúde

		n	%	Sig
Avalia o estado de saúde	<i>Excelente</i>	05	4,1	0,000*
	<i>Muito boa</i>	06	5,0	
	<i>Boa</i>	67	55,4	
	<i>Ruim</i>	35	28,9	
	<i>Muito ruim</i>	08	6,6	
Sente satisfeito com a vida	<i>Sim</i>	92	76,0	0,000*
	<i>Não</i>	29	24,0	
Tem alguma doença diagnosticada	<i>Nenhuma</i>	64	52,9	0,000*
	<i>Uma</i>	34	28,1	
	<i>Duas</i>	14	11,6	
	<i>Três ou mais</i>	09	7,4	
Tempo de sono diário	<i>Menos de 6 horas</i>	39	32,2	0,198
	<i>Entre 6 e 7 horas</i>	49	40,5	
	<i>Mais de 7 horas</i>	33	27,3	
Insônia	<i>Sim</i>	63	52,1	0,649
	<i>Não</i>	58	47,9	

N = número de entrevistados; % = percentual de entrevistados; Sig = índice de significância. Fonte: Autores (2023).

Conforme análise dos dados referentes ao consumo de medicamentos psicotrópicos, verificou-se que 78 pacientes (64,5%) utilizam apenas um fármaco, 63 pacientes (52,1%) referiram consumo há mais de 2 anos, 65 pacientes (53,7%) utilizam com a finalidade de reduzir a ansiedade e 109 pacientes (90,1%) afirmaram sentir melhora com o uso da medicação (Tabela 3).

Quanto a tentativa de interrupção do fármaco, 63 pacientes (52,1%) alegaram já ter feito, o psiquiatra foi citado por 66 pacientes (54,5%) como o profissional que prescreveu a medicação, 85 pacientes (70,2%) afirmaram fazer acompanhamento com o médico que fez a prescrição, 99 pacientes (81,8%) declararam compreender a receita médica e 94 pacientes (77,7%) negaram a aquisição do medicamento sem receita médica (Tabela 3).

Tabela 3 – Uso de medicamentos psicotrópicos

		n	%	Sig
Quantos medicamentos psicotrópicos consome	<i>1</i>	78	64,5	0,000*
	<i>2</i>	27	22,3	
	<i>3 ou mais</i>	16	13,2	
Quando iniciou o uso	<i>Menos de 6 meses</i>	32	26,4	0,000*
	<i>Mais de 6 meses</i>	10	8,3	
	<i>1 a 2 anos</i>	16	13,2	
	<i>Mais de 2 anos</i>	63	52,1	
Motivo do uso	<i>Alívio da dor</i>	04	3,3	0,000*
	<i>Indução do sono</i>	15	12,4	
	<i>Redução da ansiedade</i>	65	53,7	
	<i>Depressão</i>	22	18,2	
	<i>Outro</i>	15	12,4	
Sentiu melhora com o uso	<i>Sim</i>	109	90,1	0,000*
	<i>Não</i>	12	9,9	
Tentou parar de usar	<i>Sim</i>	63	52,1	0,649
	<i>Não</i>	58	47,9	
Quem prescreveu a medicação	<i>Médico da UBS</i>	23	19,0	0,000*
	<i>Psiquiatra</i>	66	54,5	

	<i>Neurologista</i>	14	11,6	
	<i>Outro</i>	18	14,9	
Faz acompanhamento com o médico que prescreveu	<i>Sim</i>	85	70,2	0,000*
	<i>Não</i>	36	29,8	
Compreende a receita médica	<i>Sim</i>	99	81,8	0,000*
	<i>Não</i>	22	18,2	
Adquiriu o medicamento sem receita	<i>Sim</i>	27	22,3	0,000*
	<i>Não</i>	94	77,7	

N = número de entrevistados; % = percentual de entrevistados; Sig = índice de significância. Fonte: Autores (2023).

Uma vez que muitos participantes declararam utilizar mais de um medicamento psicotrópico, foram obtidos valores acima de 121, o total de participantes da entrevista. Com 164 respostas, a análise acerca das medicações utilizadas evidenciou que 27 pessoas (16,5%) fazem uso do escitalopram, 17 pessoas (10,4%) usam a amitriptilina, 17 pessoas (10,4%) usam a sertralina, 14 pessoas (8,5%) utilizam a fluoxetina, 10 pessoas (6,1%) usam o clonazepam e 79 pessoas (48,1%) utilizam outros medicamentos (Tabela 4).

Tabela 4 – Medicamentos utilizados

	n	%	Sig
<i>Amitriptilina</i>	17	10,4	0,000*
<i>Sertralina</i>	17	10,4	
<i>Nortriptilina</i>	07	4,3	
<i>Citalopram</i>	01	0,6	
<i>Escitalopram</i>	27	16,5	
<i>Fluoxetina</i>	14	8,5	
<i>Paroxetina</i>	04	2,4	
<i>Venlafaxina</i>	05	3,0	
<i>Bupropiona</i>	07	4,3	
<i>Alprazolam</i>	05	3,0	
<i>Clonazepam</i>	10	6,1	
<i>Diazepam</i>	03	1,8	
<i>Bromazepam</i>	01	0,6	
<i>Haloperidol</i>	02	1,2	

<i>Risperidona</i>	04	2,4
<i>Carbamazepina</i>	03	1,8
<i>Olanzapina</i>	02	1,2
<i>Quetiapina</i>	04	2,4
<i>Carbonato de lítio</i>	06	3,7
<i>Divalproato de sódio</i>	05	3,0
<i>Outros</i>	20	12,2

N = número de entrevistados; % = percentual de entrevistados; Sig = índice de significância. Fonte: Autores (2023).

Em relação à associação de dados entre o grau de escolaridade do paciente e sua compreensão quanto a receita médica, notou-se que, daqueles com ensino fundamental incompleto, 30 participantes (30,3%) afirmaram compreender a receita, enquanto 09 participantes (40,9%) disseram não compreender. Dos participantes com ensino fundamental completo, 07 (7,1%) afirmaram compreender a receita e 01 pessoa (4,5%) informou não compreender a receita médica. Quanto àqueles com ensino médio incompleto, 05 participantes (5,1%) alegaram compreender a receita, enquanto 02 pessoas (9,1%) não. Dos participantes com ensino médio completo, 27 participantes (27,3%) afirmaram compreender a receita médica e 07 participantes (31,8%) disseram não compreender. Relativo aos participantes com ensino superior incompleto, 19 pessoas (19,2%) responderam que compreendem a receita, enquanto 01 pessoa (4,5%) negou compreender. Quanto ao ensino superior completo, 11 pessoas (11,1%) informaram compreender a receita médica e 02 pessoas (9,1%) disseram não compreender. Não foi evidenciada associação entre grau de escolaridade e compreensão da receita médica ($p = 0,572$) (Tabela 5).

Tabela 5 – Associação entre grau de escolaridade e a compreensão da receita médica

Tabela 5 - Associação entre grau de escolaridade e a compreensão da receita médica					
Escolaridade	Compreende a receita médica				Sig
	Sim		Não		
	n	%	n	%	
Fundamental incompleto	30	30,3	09	40,9	0,572
Fundamental completo	07	7,1	01	4,5	
Ensino médio incompleto	05	5,1	02	9,1	
Ensino médio completo	27	27,3	07	31,8	

Superior incompleto	19	19,2	01	4,5
Superior completo	11	11,1	02	9,1

Fonte: Autores (2023)

No que diz respeito à relação entre as variáveis “quando iniciou o uso do medicamento” e “faz acompanhamento com o médico que prescreveu”, evidenciou-se que, dos entrevistados que iniciaram o uso há menos de 6 meses, 22 (25,9%) referiram fazer acompanhamento médico, enquanto 10 entrevistados (27,8%) não fazem. Quanto aos entrevistados que iniciaram o uso há mais de 6 meses, 09 entrevistados (10,6%) alegaram fazer acompanhamento com o médico que prescreveu e 01 pessoa (2,8%) mencionou que não é acompanhada. Daqueles que iniciaram o uso há 1 a 2 anos, 13 entrevistados (15,3%) fazem acompanhamento com o médico, enquanto 03 participantes (8,3%) não fazem. Quanto ao tempo de início do uso superior a 2 anos, 41 entrevistados (48,2%) fazem acompanhamento com o médico que prescreveu, enquanto 22 pessoas (61,1%) não fazem. Não foi evidenciada associação entre tempo de início do uso do medicamento e acompanhamento com o médico que prescreveu a receita ($p = 0,304$) (Tabela 6).

Tabela 6 – Associação entre tempo de início do uso do medicamento e acompanhamento com o médico que prescreveu

Quando iniciou o uso do medicamento	Faz acompanhamento com o médico que prescreveu				Sig
	Sim		Não		
	n	%	n	%	
Menos de 6 meses	22	25,9	10	27,8	0,304
Mais de 6 meses	09	10,6	01	2,8	
1 a 2 anos	13	15,3	03	8,3	
Mais de 2 anos	41	48,2	22	61,1	

Fonte: Autores (2023)

A associação entre as variáveis “motivo do uso do medicamento” e “sente satisfeito com a vida”, constatou que, dos pacientes que utilizam o medicamento para alívio da dor, 03 pacientes (3,3%) se sentem satisfeitos com a própria vida, enquanto 01 paciente (3,4%) não sente. A finalidade “indução do sono” foi citada por 15 pacientes e 12 deles (13%) afirmaram satisfação com a vida, enquanto 03 pacientes (10,3%) negaram. O motivo do uso mais prevalente no estudo foi a redução da ansiedade, em que 52 pacientes (56,5%) referiram satisfação com a própria vida, enquanto 13 pacientes (44,8%) declararam não estarem

satisfeitos. Quanto aos pacientes que utilizam a medicação para tratamento da depressão, 13 pacientes (14,1%) se sentem satisfeitos com a vida, enquanto 09 pacientes (31%) informaram que não se sentem. Não foi evidenciada associação entre motivo do uso do medicamento e sentir satisfeito com a vida ($p = 0,368$) (Tabela 7).

Tabela 7 - Associação entre motivo do uso do medicamento e sente satisfeito com a vida

<i>Motivo do uso do medicamento</i>	<i>Sente satisfeito com a vida</i>			
	Sim		Não	
	n	%	n	%
<i>Alívio da dor</i>	03	3,3	01	3,4
<i>Indução do sono</i>	12	13,0	03	10,3
<i>Redução da ansiedade</i>	52	56,5	13	44,8
<i>Depressão</i>	13	14,1	09	31,0
<i>Outro</i>	12	13,0	03	10,3

4 DISCUSSÃO

A presente pesquisa, composta por 121 participantes, evidenciou que 85,1% dos entrevistados eram compostos pelo sexo feminino (Tabela 1). De acordo com o estudo de Gomes et al. (2022), a prevalência de mulheres pode ser justificada pelo fato de serem mais afetadas por doenças psíquicas, possuírem maior consciência quanto a sua necessidade de tratamento e buscarem mais serviços de saúde, consumindo psicofármacos em maior quantidade, ou ainda, as doenças psíquicas em homens não são diagnosticadas e devidamente notificadas.

A análise quanto a faixa etária dos entrevistados demonstrou que 28,9% situam-se entre os 41 e 50 anos e 19% estão situados entre os 51 e 60 anos (Tabela 1). Essa informação concorda com a pesquisa realizada por Alves et al. (2020) que referiu menor uso de medicamentos psicotrópicos pela população idosa, sendo a faixa etária dos adultos de meia-idade a que exibiu maior prevalência. Tal achado difere de outros estudos que indicam o aumento do consumo conforme a idade, mas pode ser explicado pela maior racionalização ao prescrever esse tipo de fármaco para idosos, que geralmente usam diversos medicamentos que podem interagir entre si e resultar em eventos adversos.

Referente à autoavaliação sobre o estado de saúde, 55,4% dos participantes declararam ter boa saúde (Tabela 2), dado que contrapõe a análise de Prado, Francisco e Barros (2017) que observou associação entre o uso de psicotrópicos e a pior saúde percebida. A autoavaliação da saúde é uma medida que reflete o julgamento subjetivo dos indivíduos sobre a qualidade de sua saúde física e mental, com base em critérios pessoais e sociais.

A presença de doenças diagnosticadas foi negada por 52,9% dos pacientes (Tabela 2) e chama a atenção pelo fato de diversos estudos afirmarem a associação entre doenças clínicas e a ocorrência de transtornos mentais comuns. Doenças físicas crônicas graves e incapacitantes têm sido correlacionadas à presença de sintomas psiquiátricos e ao número de enfermidades crônicas (Moura et al., 2016).

Ao avaliar a quantidade de medicamentos psicotrópicos consumidos, 64,5% dos entrevistados referiram utilizar apenas uma medicação (Tabela 3), resultado divergente daquele contemplado por Nunes, Costa e Moromizato (2020) que evidenciou a utilização de mais de um fármaco pelos pacientes, que pode ser justificada pela progressiva ocorrência de transtornos mentais nos indivíduos, pelo surgimento de novas drogas psicotrópicas no mercado e pelas atuais indicações terapêuticas que esses fármacos já possuíam.

Em relação ao tempo de uso das medicações, 52,1% dos participantes referiram um período maior que dois anos (Tabela 3). O dado chama a atenção pois o uso contínuo destas drogas causa dependência física e psíquica, uma vez que o indivíduo pode desenvolver tolerância a essas substâncias e manifestar a síndrome de abstinência. O uso continuado provoca fenômenos de tolerância (necessidade de doses cada vez maiores para manutenção dos efeitos terapêuticos) e dependência (recaída de sintomas de insônia e ansiedade quando ocorre a suspensão abrupta do uso), conforme demonstrado por Farias et al. (2022). Não apenas, outra vertente observada é a insistência por parte de alguns pacientes para a continuidade do tratamento, gerada pela possível dependência, ou mesmo a um possível ganho secundário associado ao uso da medicação e ao papel de doente (Alves et al., 2020).

Conforme estudo de Oliveira et al. (2021), a população brasileira tem a maior prevalência de depressão e ansiedade da América Latina, com taxas de 5,8% e 9,3%, respectivamente. Tal fato confirma os resultados encontrados nesta pesquisa quanto ao motivo do uso de psicofármacos, em que a redução da ansiedade foi mencionada por 53,7% dos participantes (Tabela 3).

Quanto à análise do profissional responsável pela prescrição do psicofármaco, o estudo evidenciou que o médico psiquiatra foi mencionado por 54,5% dos entrevistados (Tabela 3).

Estes resultados diferem da pesquisa realizada por Silva e Linartevichi (2019) que demonstrou que 78,7% das receitas foram oriundas de uma consulta com clínico geral. As prescrições realizadas por profissionais não psiquiatras muitas vezes oferecem resolução instantânea para a queixa do paciente, porém podem gerar outros problemas fora da esfera do curto prazo.

Dentre a classe dos psicotrópicos utilizados, observou-se a prevalência dos inibidores seletivos de recaptação da serotonina (ISRS), representados pelo Escitalopram e pela Sertralina, correspondendo a 16,5% e 10,4% das respostas, respectivamente (Tabela 4). Segundo Silva (2019), os ISRS têm sido a classe de medicamentos de primeira escolha para tratamento pelo fato de terem o melhor perfil de tolerância e, especificamente a Sertralina, possuir menor possibilidade de interação medicamentosa. Por outro lado, diverge das observações de Boni et al. (2021) de que os psicofármacos mais prescritos são o Clonazepam, Diazepam e Fluoxetina. De acordo com Fernandes et al. (2020), o predomínio pode ser explicado pela disponibilização desses medicamentos nas unidades básicas de saúde do município, favorecendo o seu acesso

5 CONCLUSÃO

A partir da análise dos dados, foi observado que predominaram na pesquisa participantes do sexo feminino, com idades entre 41 e 50 anos, de cor parda, casados, residentes em áreas urbanas, com ensino fundamental incompleto e renda familiar entre 1 e 3 salários-mínimos. A maioria dos participantes consome pelo menos um medicamento psicotrópico há mais de dois anos. Verificou-se também que a razão principal para o uso de psicofármacos entre os participantes é o tratamento da ansiedade, sendo o escitalopram o medicamento mais comumente utilizado, enquanto o citalopram e o bromazepam são menos frequentes. Destaca-se que a maioria dos participantes relatou alguma melhora com o uso dos psicotrópicos, sendo esses medicamentos prescritos principalmente por psiquiatras.

REFERÊNCIAS

1. ALVES, E. O. et al. Prevalência do uso de psicotrópicos na atenção primária à saúde em um município do interior de Minas Gerais. **Revista Médica de Minas Gerais**, v. 30, n. 4, p. 61-68, 2020.
2. ARRAES, L. T. et al. Uso não médico de psicotrópicos por estudantes de graduação: uma revisão integrativa. *Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento*, v. 11, n. 14, p. 1-12, 2022
3. BERNIERI, J. et al. Análise do consumo de psicofármacos por usuários da Atenção Primária à Saúde. **Saúde e Pesquisa**, v. 16, n. 1, p. 1-14, 2023.
4. BONI, B. S. et al. O uso de psicofármacos e/ou psicotrópicos: Uma revisão integrativa. **Investigação Qualitativa em Saúde: Avanços e Desafios**, v. 8, p. 880-889, 2021.
5. COSTA, E. A. P. et al. Uso indiscriminado de psicotrópicos por usuários assistidos na atenção primária a saúde: uma revisão integrativa da literatura. **Humanum Sciences**, v.5, n.1, p.36-50, 2023.
6. FARIAS, N. C. et al. Revisão da literatura sobre o uso funcional e disfuncional de psicotrópicos. **Revista RBC Ciência**, v. 2, n.1, p. 01-08, 2022.
7. FERNANDES, C. S. E.; LIMA, M. G.; BARROS, M. B. A. Problemas emocionais e uso de medicamentos psicotrópicos: uma abordagem da desigualdade racial. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. 5, p. 1677-1687, 2020.
8. GOMES, M. E. C. et al. Caracterização dos usuários e análise das prescrições de psicotrópicos dispensados na farmácia básica do município de Picuí/PB. **Revista Eletrônica Educação, Ciência e Saúde**, v. 9, n. 1, p. 51-69, (jan/jun)., 2022.
9. KANTORSKI, L. P. et al. Psicotrópicos: uso por estudantes universitários antes e durante a pandemia de doença por coronavírus 2019. *Revista de Enfermagem e saúde*, v. 12, n. 3, p. 1-12, 2022.
10. MEDEIROS, L. S. et al. Caracterização dos usuários de psicotrópicos na atenção primária de um município da Paraíba. **Revista Contribuciones a Las Ciencias Sociales**, São José dos Pinhais, v.16, n.10, p. 22928-22941, 2023.
11. MOURA, D. C. N. et al. Uso abusivo de psicotrópicos pela demanda da estratégia saúde da família: revisão integrativa da literatura. **Revista SANARE**, Sobral, v.15 n. 2, p.136-144, jun./dez., 2016.
12. NUNES, J. R.; DA COSTA, J. L. R.; MOROMIZATO, L. O. Análise do uso de psicotrópicos na atenção primária à saúde por uma revisão integrativa. **Revista Brasileira de Desenvolvimento**, v. 6, n.12, p.96711-96722 dez., 2020.

13. OLIVEIRA, J. R. F. et al. Descrição do consumo de psicofármacos na atenção primária à saúde de Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, v. 37, n. 1, p. 1-15, 2021.
14. PRADO, M. A. M. B.; FRANCISCO, P. M. S. B.; BARROS, M. B. A. Uso de medicamentos psicotrópicos em adultos e idosos residentes em Campinas, São Paulo: um estudo transversal de base populacional. **Revista do Sistema Único de Saúde do Brasil (RESS)**, v. 26, n. 4, p. 747-758, out-dez 2017.
15. QUEMEL, G. K. C. et al. Revisão integrativa da literatura sobre o aumento no consumo de psicotrópicos em transtornos mentais como a depressão. *Revista Brasileira de Ciência Aplicada*, , Curitiba, v.5, n.3, p. 1384-1403 mai./jun. 2021.
16. RODRIGUES, P. S. et al. Uso e fontes de obtenção de psicotrópicos em adultos e idosos brasileiros. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. 11, p. 4601-4614, 2020.
17. SANTANA, L. G. H. et al. Fatores de risco e de proteção frente ao uso abusivo de drogas psicotrópicas. *Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento*, v. 11, n. 11, p. 1-9, 2022.
18. SILVA, Ariane Pereira. **Segurança de antidepressivos de uso frequente em idosos: uma revisão narrativa**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Farmácia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2019.
19. SILVA, A. P. R.; LINARTEVICH, V. F. Avaliação da origem das prescrições de medicamentos psicotrópicos em um município do oeste do Paraná. **Revista FAG de Saúde (FJH)**, v.1, n.2, p. 150, 2019.
20. WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **World mental health report: transforming mental health for all**. Geneva: World Health Organization; 2022. Disponível em: <https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/356119/9789240049338-eng.pdf?sequence=1>. Acesso em: 14 nov. 2023.